**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**

**CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

**ISADORA SCHERDIEN ZACHER**

**O TEMPO HISTÓRICO NAS ESTRUTURAS NARRATIVAS:**

 **um estudo sobre as obras *O continente* e *Um farol no pampa***

**São Leopoldo**

**2021**

ISADORA SCHERDIEN ZACHER

O TEMPO HISTÓRICO NAS ESTRUTURAS NARRATIVAS:

 um estudo sobre as obras *O continente* e *Um farol no pampa*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português/Inglês, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2021

Aos meus amados mãe, pai e irmão, que sempre me apoiam em todos os momentos da minha vida. Muito obrigada, eu amo vocês.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe, Rosa, meu pai, Éverton e meu irmão, Davi, por todo o apoio e carinho de sempre, amo vocês!

Aos meus parentes por sempre torcerem por mim e por vibrarem por cada conquista! Vó Julia, vô Norberto, vó Nair, dinda Bete, dinda Bel, dindo Dário, dindo Nilo, tio Dino, prima Ju, primo Cris, primo Igor, prima Andrea, primo Sandro, minha afilhada Isis, muito obrigada, amo vocês.

Aos que não estão mais presentes fisicamente, mas estão sempre olhando por nós: vô Wilfred, vó Lúcia e primo Vitor, muito obrigada, amo vocês.

Aos meus amigos e colegas queridos por toda a paciência que têm comigo e pela parceria, guardo vocês no coração para sempre!

À minha orientadora Eliana Inge Pritsch por toda a dedicação, paciência e por abraçar as minhas ideias, muito obrigada!

A todos os meus queridos professores, da escola e da faculdade, agradeço por todo o apoio e por tudo o que me ensinaram, e pelas lições de todos os âmbitos possíveis.

[...] Gota de orvalho, na coroa dum lírio:

joia do tempo [...].

(VERISSIMO, Erico.

*Olhai os lírios do campo,* 1938.p.94)

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo principal explanar a influência da estrutura narrativa presente nas obras *O continente,* de Erico Verissimo, e *Um farol no pampa*, de Letícia Wierzchowski, buscando uma discussão sobre como o tempo age nessa narrativa, o que ele abrange e como o enredo se desenvolve. Os dois livros possuem estruturas narrativas muito semelhantes: ambas não seguem uma linearidade de tempo, alternando entre várias visões das personagens, do espaço e da época em que os fatos ocorrem. Além disso, a ideia de romance histórico se aplica nos temas abordados pelas duas obras, já que ambas trazem muitos acontecimentos históricos que marcaram a trajetória do estado do Rio Grande do Sul, principalmente quando tratamos com guerras: nesse caso, as Revolução Farroupilha, Revolução Federalista e Guerra do Paraguai levam mais destaque por sua relevância dentro das obras analisadas, mesmo que outros conflitos sejam retratados, a fim de contextualizar e ilustrar o enredo. Ainda, também, trazem a realidade da sociedade nos períodos retratados, assim como costumes, cultura, etc. Indo além das narrativas épicas das batalhas, também pode ser discutidos a herança familiar que é narrada e o contexto político que acaba retratado no enredo. Além disso, os livros trazem algumas figuras históricas que se cruzam com personagens fictícias; ainda que essas figuras não tomem o papel de protagonistas, elas atuam como pano de fundo e suas histórias, que são importantes para a compreensão do enredo, tendem a mostrar algo além da linearidade do tempo, o que nos faz buscar entender essa relação entre real e ficção dentro das obras analisadas.

**Palavras-chave:** romance histórico – tempo narrativo – *O Continente – Um farol no pampa*

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Episódios de *O tempo e o vento* e as respectivas guerras................ 19

Quadro 2 – Infográfico das personagens de *O Continente* e sua atuação na narrativa ............................................................................................................................... 22

Quadro 3 – Episódios de *A casa das sete mulheres* e as respectivas guerras..... 29

Quadro 4 – Infográfico das personagens de *Um farol no pampa* e sua atuação na narrativa ................................................................................................................. 32

Quadro 5 – Estrutura narrativa em *O continente* ................................................... 38

Quadro 6 – Estrutura narrativa de *Um farol no pampa* .......................................... 39

**SUMÁRIO**

[1 INTRODUÇÃO 9](#_Toc74555831)

[2 O TEMPO E O ROMANCE HISTÓRICO 11](#_Toc74555832)

[2.1 O ROMANCE HISTÓRICO 13](#_Toc74555833)

[2.2 O CONTEXTO DA GUERRA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL 14](#_Toc74555834)

[**2.2.1 Guerras em *O tempo e o vento*** 18](#_Toc74555835)

[**2.2.2 Guerras em *Um farol no pampa*** 22](#_Toc74555836)

[3. O TEMPO E A ESTRUTURA NARRATIVA EM *O CONTINENTE* E *UM FAROL NO PAMPA* 36](#_Toc74555837)

[4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 41](#_Toc74555838)

[REFERÊNCIAS 43](#_Toc74555839)

# 1 INTRODUÇÃO

O tempo é algo singular e um componente de extrema importância em nossas vidas. De certa forma, sempre nos voltamos para ele, e tudo o que acontece nele faz parte da nossa história, da nossa narrativa.

 Pensando nisso, temos duas obras, de autores distintos, que conversam entre si, quando falamos na sua estrutura narrativa e seu desenrolar do tempo: *O continente*, primeiro livro da trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo (Cruz Alta, 17 de dezembro de 1905 – Porto Alegre, 28 de dezembro de 1975) e *Um farol no pampa*, segundo livro da trilogia *A casa das sete mulheres*, de Letícia Wierzchowski (Porto Alegre, 4 de junho de 1972). As duas obras têm como palco principal de seus acontecimentos o estado do Rio Grande do Sul, e a cultura e os costumes gaúchos influenciam muito a narrativa e a personalidade das personagens.

 Além disso, fatos históricos ocorridos ao longo de anos trazem uma influência muito grande para o desenvolvimento das obras, ainda que estes fatos se entrelacem com figuras reais e outras que fazem parte do imaginário do(a) autor(a).

 Dessa forma, é possível trazer discussões como as seguintes: até que ponto uma obra pode intitular-se como uma narrativa histórica? Que elementos fazem parte desse tipo de narrativa? Como o tempo, que se insere nessa narração, se desenrola? Por que se apresenta de maneira diferente, alternando entre “passado” e “futuro”? O que a narrativa nos diz sobre o desenvolver da história?

 Estas perguntas embasam este trabalho, que procura se debruçar sobre elas, buscando argumentar sobre como estas narrativas se envolvem entre si e de que forma elas se tornaram tão relevantes para a literatura, não apenas a gaúcha, mas a brasileira como um todo e, até mesmo, fora do país.

 Por isso, o capítulo dois irá tratar sobre *o tempo e o romance histórico* e suas relações dentro da Literatura, subdividindo-se em quatro subcapítulos: *o romance histórico*, focando em seus conceitos e representantes; o *contexto da guerra na construção da história do Rio Grande do Sul*, que expõe os conflitos que fizeram parte da formação de nosso estado e de que maneira eles se encontram inseridos nas obras analisadas; *guerras em O tempo e o vento*, que especificamente irá falar dos eventos que são lidos em *O continente*, e sua importância para a compreensão do enredo e das ações das personagens; *guerras em Um farol no pampa*, seguindo o mesmo princípio do subcapítulo anterior.

No capítulo três, é abordado o tema da estrutura narrativa e de que maneira ela se comporta nas duas obras em estudo, comparando/contrastando com os outros livros das trilogias das quais elas fazem parte. O ponto de partida para a escolha desses dois volumes de cada uma das trilogias é justamente a estrutura narrativa não linear, em um ir e vir constante entre passado e presente narrativo. Em *O tempo e o vento*, a estrutura de *O continente* apresenta precisamente essa diferença de estrutura se comparado com os outros dois livros da trilogia (*O retrato* e *O arquipélago*). *Um farol no pampa,* seguindo o mesmo princípio, também apresenta essa diferença em relação às outras duas obras da sua trilogia – *A casa das sete mulheres* e *A travessia*. Enfim, haveria alguma razão para que *O continente* e *Um farol no pampa* utilizem-se dessa estrutura temporal? Esse vai e volta no tempo poderia trazer visões mais amplas e uma experiência diferente de leitura? Essas são algumas das indagações a que queremos responder.

Por fim, as *considerações finais*, além de trazer os resultados e comentários finais, aponta sugestões para pesquisas futuras sobre o assunto tratado ao longo do estudo, tais como aprofundar a análise das obras de Leticia Wierzchowski, especificamente da trilogia de *A casa das sete mulheres*, que possuem estruturas narrativas que requerem um estudo mais aprofundado, levando em consideração o estilo de escrita da autora. Sobre Verissimo, sempre é válido explorar outros aspectos de sua escrita, ainda que tenham numerosos estudos sobre sua vida e obra.

# 2 O TEMPO E O ROMANCE HISTÓRICO

 A Literatura, de acordo com as definições do dicionário, trata-se do “uso estético da linguagem escrita”. O transformar da escrita em uma narrativa que nos leva a diferentes compreensões, e que por vezes a ficção se faz presente nessa arte.

 Já a História, estudo que preza por pesquisar e abordar os diferentes momentos e situações por que a humanidade passou, também pode ser encontrada dentro do universo da Literatura.

A relação entre as duas áreas já foi teorizada pelos antigos. Talvez tenha sido o próprio Aristóteles a ser o primeiro a estabelecer esses limites, quando, na sua *Arte poética,* diz:

Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens. (ARISTÓTELES, 1981, p. 28).

Isto é, ao permitir a sua recriação livre, a Literatura, a Poesia, para Aristóteles, é muito mais abrangente que a História.

 Além disso, também a História pode ser entendida como uma “ficção”, uma vez que esses limites não são tão claros (Pessanha,1988, p 282):

Onde há fronteira – se é que ela existe – entre história e ficção? Perguntado de outro modo: entre as muitas formas de narrativa, onde estabelecer a linha divisória – se é que ela pode ser trançada – entre os diversos tipos de histórias inventadas e uma história que pretende ostentar estatuto de cientificidade, apresentar-se enquanto episteme, inscrever-se entre as formas “sérias” de conhecimento, candidatar-se à conquista de alguma verdade exterior a seu próprio discurso, alguma verdade sobre o que narra narrando e ao mesmo tempo tentando explicar o objeto que aborda?

Contudo não se pode ler uma obra literária sob a ingênua perspectiva de procurar na Literatura a confirmação do fato acontecido. A Literatura é sim **uma** versão, **uma** possibilidade, **uma i**nterpretação do ocorrido. Ficção e História têm em comum a verossimilhança, a narração, a seleção dos fatos a serem narrados, como assegura Veyne (1998, p. 18), pois

Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página (...). A história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento.

De qualquer forma, essas duas áreas – Literatura e História – costumam estabelecer pontes mais estreitas, principalmente na possibilidade do tratamento dado ao fator tempo. A essa junção, damos o nome de romance histórico, no qual a ficção se cruza com uma realidade a qual o leitor pode ou não ter experenciado, quando fatos são mais recentes, ou simplesmente ter conhecimento desses eventos.

De certa forma, os acontecimentos privilegiados foram, quase sempre, as guerras, porque trazem tanto a marca do passado, quanto a ideia de um fato, de um episódio. Por isso a representação das guerras é um elemento recorrente na literatura, como *Os sertões,* de Euclides da Cunha. Nesse sentido, as duas obras analisadas também terão como pano de fundo muitos desses acontecimentos.

Verissimo e Wierzchowski possuem em suas obras, *O continente* e *Um farol no pampa*, respectivamente, estas marcas que se encontram dentro de um romance histórico: a retratação de guerras e da época em que elas aconteceram.

Mesmo que não relatem grandes acontecimentos de nossa História, as obras retratam uma época em especial e se utilizam de outros artefatos para indicar a historicidade do enredo, agregando personagens fictícias, em sua maioria, e que convivem com outras figuras históricas. Esse parece ser o sentido mais contemporâneo de romance histórico, que será observado nas duas obras aqui em questão.

Se no século XIX, a definição de romance histórico passava necessariamente por grandes personalidades históricas retratadas ficcionalmente, cada vez mais, os romances contemporâneos fazem com que personagens fictícias apenas convivam com essas personalidades.

Como foi dito anteriormente, a relação Literatura e História existe há muito tempo. Os autores e autoras que se encontraram dentro desse universo do romance histórico podem ter visto, ali, um modo de colocar suas visões, através de certas personagens, acerca de diferentes momentos da História. Seja uma época muito difícil em questões políticas como podemos ver em outras obras de Verissimo, ou pela maneira que uma região foi formando sua história através de conflitos, como vemos em Wierzchowski.

## 2.1 O ROMANCE HISTÓRICO

 “Todo o romance, como produto

de um ato de escrita é sempre histórico,

porquanto revelador de,

pelo menos, um tempo [...]”

 (BAUMGARTEN).

 A compreensão de romance histórico passa necessariamente pela questão temporal da estrutura narrativa. De certa forma, o romance, ao situar temporalmente uma narrativa, utiliza-se de aspectos que caracterizam uma época: tipo de transporte, tipo de vestimenta, hábitos e costumes, entre outros. Mas, sobretudo, no romance histórico, fatos de conhecimento público, do senso comum, passam a ser compartilhados com a atuação de personagens fictícias neles inseridos. Assim nessas narrativas, as figuras históricas permanecem como pano de fundo, mas o protagonismo está associado a personagens que surgiram do imaginário do(a) autor(a).

O romance histórico possui uma linha tênue entre o realismo social que é retratado na obra, a presença dos fatos históricos e o que acaba sendo criado pelo autor. Segundo Lukács (2011, p. 34),

O presente histórico é figurado com extraordinária plasticidade e verossimilhança, mas é ingenuamente aceito como um ente: a partir de onde e como ele se desenvolveu é algo que ainda não se põe no ato de figuração do escritor. Essa abstratividade na figuração do tempo histórico também tem consequências para a figuração do espaço histórico.

As histórias se desenvolvem dentro destas dobras do tempo, da narrativa épica e de que, apesar de muitas vezes se debruçarem na ficção, os acontecimentos históricos nos trazem para o realismo presente nas obras; assim como o tempo. Lukács (2011, p. 116) diz que “o drama antigo surge do mundo épico. O germinar histórico dos antagonistas sociais na vida produz a tragédia como gênero da figuração do conflito”, conflito esse que se torna bem mais palpável nas narrativas de fundo bélico e épico.

 No que diz respeito à literatura brasileira, o romance histórico teve, como um de seus principais representantes, ainda no século XIX, José de Alencar. Conforme Baumgarten (2000), o que antes era um gênero essencialmente europeu, desloca-se para o Brasil, como uma necessidade de mostrar o que era ser brasileiro, o que era morar em um país que, por mais jovem que fosse em comparação a outros países, tinha uma história, tinha seus acontecimentos que mudaram a vida do povo e dos lugares em que viviam. A partir desse momento surge o romance histórico na literatura brasileira, vertente que encontra inúmeros representantes, entre os quais as obras que fazem parte deste estudo: *O continente* e *Um farol no pampa*. Os fatos históricos que aparecem nestes dois livros estão moldados junto da história da Rio Grande do Sul, entre guerras e personagens reais, que dividem espaço com a ficção.

## 2.2 O CONTEXTO DA GUERRA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

A história do Rio Grande do Sul[[1]](#footnote-1) foi marcada por eventos de grande magnitude. Desde conflitos que definiram territórios e fronteiras àqueles que se opunham às maiores forças das épocas em questão, nossa história é escrita, em boa parte, pelas guerras. Os motivos, os resultados, os envolvidos e os representantes de tais guerras ficaram registrados não só nos livros de História, mas também, dentro da ficção, do romance histórico. A partir do conhecimento prévio sobre esses conflitos, podemos ter uma interpretação mais abrangente acerca das obras aqui estudadas, do que levou os autores a retratarem tais eventos.

*O continente* tem como palco principal a Guerra dos Farrapos (1835 - 1845) e a Revolução Federalista (1893 - 1895), mas também retrata, em um dos principais capítulos, a Guerra Guaranítica (1752 - 1756), que se tornaria um elemento desencadeador para os demais eventos da obra.

 *Um farol no pampa* tem seu enfoque na Guerra do Paraguai (1864 - 1870), mas também é citada a Guerra do Prata (1851-1852), um antecessor do conflito envolvendo o Paraguai.

 A Guerra da Cisplatina (1825 - 1828) é citada em ambas as obras, mas de maneira a contextualizar o leitor a respeito dos conflitos que antecedem outros de maior relevância no desenvolver das histórias, ainda mais quando envolvem figuras históricas, como a de Bento Gonçalves da Silva, ainda que, como foi dito anteriormente, estas figuras funcionam quase como coadjuvantes, mantendo o papel principal para as personagens fictícias.

 Além de Verissimo e Wierzchowski, outros representantes da literatura gaúcha também retratam momentos como estes. Entre muitos exemplos, é o caso de Luiz Antonio de Assis Brasil, em *Um quarto de légua em quadro* (1976), que retrata os primeiros anos da imigração açoriana no Rio Grande do Sul (1752-1753), e *A prole do corvo* (1978), que se passa no último ano da Guerra dos Farrapos (1844) e Simões Lopes Neto, em *Contos gauchescos* (1912), principalmente em dois deles: “Anjo da vitória”, na Guerra Cisplatina, e “Duelo de Farrapos”, na Guerra dos Farrapos.

A partir desse conhecimento prévio sobre esses conflitos, e sobre essas outras épocas, podemos ter uma interpretação mais abrangente acerca das obras e o que levou os autores a retratarem tais eventos.

Quando o foco são obras da literatura gaúcha, o início remonta a uma colonização não portuguesa, porque esse território, no início, pertencia à coroa espanhola. Por isso, se o “achamento” do Brasil, em 1500, e o início da efetiva colonização do território brasileiro, em 1532, se deu por meio das capitanias hereditárias, é importante ver o seu contraponto similar na América hispânica, que se desenvolve a partir de 1537 (Assunção) e 1588 (Buenos Aires). Pouco mais de cem anos após esse início, a Espanha já se encontrava no que viria a ser posteriormente território brasileiro, com a vinda dos padres jesuítas ligados à coroa espanhola com o objetivo tanto de catequizar o povo indígena que vivia no “país” quanto de estabelecer e manter as fronteiras. O lugar ficou conhecido como Sete Povos das Missões, em um território que fazia divisa com o rio Uruguai. Em meio à colonização crescente, Portugal estabeleceu uma colônia (Colônia de Sacramento, 1680) em território atualmente pertencente ao Uruguai, na região do Rio da Prata, o que trouxe certa tensão entre os povos. Porém, a partir de 1752, após o Tratado de Madri ser assinado (1750), que trazia novas leis quanto à divisão de territórios entre Portugal e Espanha, e que decretava, então, a troca da Colônia de Sacramento por Sete Povos das Missões, foi o estopim para que começasse um conflito entre o povo Guarani que habitava essa região e as tropas espanholas e portuguesas, que terminou com o que ficou conhecido como Guerra Guaranítica, tendo seu ponto culminante na Batalha de Caiboaté, na atual localidade de São Gabriel/RS, em 10 de fevereiro de 1756.

 Ao estudarmos esse cenário, que marca o início da construção do Rio Grande do Sul, podemos perceber que os conflitos estão presentes desde o início da história do nosso estado e, consequentemente, do povo gaúcho. E isso seria algo corriqueiro, como descobriríamos ao passar dos anos. As guerras envolvendo territórios e que firmavam fronteiras caracterizou a figura do gaúcho que é mantida até hoje: alguém que não foge da batalha iminente, que carrega a honra e a sede pela guerra.

 Após a Guerra Guaranítica, entre 1825 e 1828, tivemos a Guerra da Cisplatina, outro conflito envolvendo territórios e fronteiras, e dessa vez, marca a presença do Brasil já como um país independente, mesmo que essas questões tenham começado um pouco antes da independência da Argentina (1816) frente à Espanha. O território hoje referente ao Uruguai estava associado ao Rio Grande do Sul, mas as disputas com a Argentina viriam a proporcionar, por um lado, a perda desse território, uma estratégia para que a Argentina não tomasse tal território, abrindo caminho para a formação de um país autônomo - o Uruguai – ao final da guerra Cisplatina, em 1828. A Guerra Cisplatina tem muita influência do conflito anterior, ocorrido no Sete Povos das Missões, justamente pelo fato de que os tratados não tinham muita valia naquela época e eram quebrados com facilidade, ou simplesmente impostos.

 Mais tarde, mesmo depois da independência do Brasil (1822) e principalmente no período regencial (1831 a 1840), a centralização do poder na corte brasileira, que estabeleceu-se no Rio de Janeiro, em detrimento das províncias, deflagraram-se diversas revoltas que foram ocorrendo no território brasileiro, como a Balaiada (Maranhão, 1838 a 1842), de Carrancas (Minas Gerais, 1833), a Sabinada (Bahia, 1837), e a Revolução Farroupilha (que se estendeu também para Santa Catarina), no Rio Grande do Sul, antes conhecido como Província de São Pedro, que durou de 1835 a 1845. Foi um conflito envolvendo em sua maioria estancieiros que não estavam satisfeitos com os impostos cobrados pela Coroa e pelas decisões da Constituição de 1824. O que antes havia começado com a não concordância dessa constituição e das resoluções que vinham do Rio de Janeiro, a guerra começou a caminhar para um lado mais político e pensamentos de uma nova república, independente do Brasil, começaram a ser colocados em prática e a Guerra dos Farrapos, como também ficou conhecida, tomou um caráter separatista, tornando-se a República rio-grandense durante os dez anos de conflito. Não eram todas as cidades que apoiavam essa revolta; Porto Alegre, capital, manteve-se fiel ao Império e contra os farrapos, fazendo com que a cidade fosse a primeira a ser tomada, em 20 de setembro de 1835, como um aviso à Corte e iniciando, assim, a guerra.

Aqui temos mais um exemplo de lutas por firmação de fronteiras, se tornando a guerra mais famosa da história do Rio Grande do Sul, a mais retratada e que ainda se faz muito presente nos dias de hoje. Ela foi sendo mitificada, glorificada, fazendo com que o mito do gaúcho se tornasse mais forte dentro da cultura rio-grandense, ainda que tenha sido uma derrota das elites.

 Em 1851, ocorre a Guerra contra Oribe e Rosas (Guerra do Prata, 1851 a 1852), envolvendo Argentina, Uruguai e o Brasil, sendo estes dois últimos aliados contra a Confederação argentina, que tinham, também, apoio de exércitos rebeldes da região argentina de Corrientes. Foi um conflito que cercava interesses para com o Paraguai e a influência sobre ele (Paraguai). O ditador argentino, Juan Manuel de Rosas, juntamente com o ministro de guerra uruguaio, Manuel Oribes, tinham como objetivo unificar o Paraguai e o Uruguai com a Argentina, o que era algo totalmente contrário à vontade do Brasil, e dos dirigentes uruguaios e argentinos, levando-os à guerra, que terminaria com a derrota de Rosas e Oribe na Batalha de Monte Caseros, em 1852.

O país ainda travaria mais uma guerra envolvendo os exércitos brasileiros, argentino e uruguaio: a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), graças a interesses políticos, por parte da Argentina e do Uruguai e econômicos por parte do Brasil. Francisco Solano López, na época presidente do Paraguai, foi o maior representante do conflito e que orquestrou o estopim da guerra. O Paraguai acabou muito prejudicado, com muitas baixas em seu exército. Foi um conflito marcado por batalhas cruéis.

 Por fim, de 1893 a 1895, nós temos a Revolução Federalista, a guerra civil dentro do território do Rio Grande do Sul, graças a duas visões políticas opostas naquela época: os que defendiam a república (chimangos, liderados por Júlio de Castilhos) e os que defendiam a monarquia (maragatos, liderados por Silveira Martins). Ficou também conhecida como Revolução da Degola, pelo ato dos soldados de degolarem seus oponentes. Conhecido como o conflito mais violento, que resultou em torno de 10.000 mortos, foi o que mais fugiu da visão do que um combatente, nascido em território rio-grandense, deveria levar em consideração durante a batalha, fazendo com que o mito do gaúcho, com a sua honra e a ideia de que briga limpofosse deixado de lado. Esses conceitos quase deixaram de existir, e a rivalidade política falou mais alto do que qualquer ato de honraria.

 A partir de todas essas guerras que foram citadas, e que são um marco na história do Rio Grande do Sul, nós podemos perceber que o conflito esteve presente em boa parte de sua construção como um território e que, por vezes, sente-se a necessidade de se retratar essa história dentro do universo da literatura, mais precisamente, do romance.

### **2.2.1 Guerras em *O tempo e o vento***

 A saga de *O tempo e o vento* é marcada pela face da guerra. Desde os motivos que levaram a esses conflitos, as batalhas e, principalmente, os resultados, que são atrelados às personagens completamente.

 Na primeira parte de *O Continente, O Sobrado,* já somos inseridos em uma situação de conflito. Os membros da família Terra-Cambará estão isolados no sobrado, na vila de Santa Fé, que se tornou palco de batalhas geradas pela Revolução Federalista, em 1895. Licurgo Terra Cambará, o líder, enfrenta dilemas importantes que envolvem o bem-estar de sua família, de seus aliados, mas também seu orgulho perante a guerra e seus inimigos.

 Em seguida, retrocedemos a meados do século XVIII, com o capítulo *A Fonte* em que temos a primeira aparição de Pedro Missioneiro, e nos são narrados acontecimentos que envolvem a Guerra Guaranítica, trazendo conflitos com tropas portuguesas, espanholas e com o povo Guarani que vivia na região. E é nesse evento que Pedro é “impulsionado” para um novo destino e que mudaria o rumo de toda uma família.

 Pensando no conteúdo e na composição no tempo narrativo, abaixo há um quadro ilustrando cada capítulo das obras de *O tempo e o vento*, incluindo informações como a ordem cronológica dos fatos em cada capítulo, a época em questão e quais acontecimentos históricos estavam em relevância naquele período, as guerras que marcaram as narrativas e as figuras históricas que participaram desses eventos e as personagens fictícias que se intercalam nessa narrativa:

Quadro 1 – Episódios de *O tempo e o vento* e as respectivas guerras

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Trilogia | Data  | Episódio(em ordem cronológica)² | Período histórico | Guerra/ personagens históricos | Personagem ficcional |
| **O continente** | 1949 | “A fonte”  | Jesuítas e criação das Missões (1745-1756)  | Guerra Guaranítica (1752-1756), Sepé Tiaraju | Pedro Missioneiro |
| “Ana Terra” | Imigração paulista(1777-1811) |  | Ana Terra |
| “Um certo Capitão Rodrigo” | Imigração alemã(1828-1836) | Guerras cisplatinas (1825-1828) Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro | Rodrigo Cambará, Bibiana |
| Guerra dos Farrapos (1835-1845)Bento Gonçalves  | Rodrigo Cambará, Bento Amaral  |
| “A Teiniaguá” | (1850-1855) | Guerra contra Rosas e conflitos com os países do Prata  | Bolívar Terra Cambará, Florêncio Terra |
| “A Guerra”  | (1869-1870) | Guerra do Paraguai (1864-1870) | Licurgo Terra Cambará |
| “Ismália Caré”  | Campanha abolicionista e republicana (1884) |  | Licurgo Terra Cambará |
| “O Sobrado”  | Final da Revolução Federalista (1895) | Revolução Federalista (1893-1895) | Terra Cambarás e Amarais |
| **O retrato** | 1950 | “Rosa-dos-ventos” | 1945 |  |  |
|  |  | “Chantecler”  | 1899-1910 |  |  |
|  |  | “A sombra do anjo”  | 1914-1915 |  |  |
|  |  | “Uma vela pro Negrinho”  | (1945) |  |  |
| **O arquipélago** | 1962 | “O deputado” | Reação à política de Borges de Medeiros (1922) |  |  |
| “Lenço encarnado” | (1923) | Revolução de 23 |  |
| “Um certo major Toríbio” | (1927) | Coluna Prestes |  |
| “O cavalo e o Obelisco” | (1930) | Revolução de 30 |  |
| “Noite de Ano Bom” | Estado novo (1937) |  |  |
| “Do diário de Silvia”  | Segunda Guerra Mundial (1941 – 1943) |  |  |
| “Encruzilhada”  | Dezembro de 1945 |  |  |
| “Reunião de família” /“Caderno de pauta simples³ | (1945) |  |  |

Fonte: elaborado pela autora

A partir desse quadro se torna mais fácil visualizar os eventos que fazem parte do enredo de *O tempo e o vento*, com um enfoque mais detalhado em *O continente*, que é uma das obras analisadas neste trabalho.

 Na narrativa de Verissimo é possível perceber que os conflitos estão presentes desde a primeira página. A guerra vai assumindo diferentes papéis dentro da época em que se passa o capítulo, marcando principalmente as personagens que estão ali envolvidas e as figuras históricas que se tornam pano de fundo, mas que são importantes para o andamento da narrativa. São estes conflitos que vão moldando o cenário da história, influenciam no comportamento e na personalidade das personagens, inclusive nas suas tomadas de decisões e que, por consequência, definem o rumo do enredo.

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas, representam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Cisplatinas [...] os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo [...]. Representavam a população menos estável, porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado, faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a Província. Alguns brigavam por obrigação, muitos por profissão, mas a maioria brigava por gosto”. (VERISSIMO, 1949, p. 264-265).

Focando um pouco nas personagens, que são um elemento narrativo de suma importância, podemos ver que elas estão profundamente intercaladas com os eventos históricos que são citados nas obras, tanto quando falamos de personagens fictícias quanto de figuras históricas que se tornam personagens dentro da ficção.

Traçando um parâmetro, conseguimos enxergar o seguinte cenário:

Quadro 2 – Infográfico das personagens de *O Continente* e sua atuação na narrativa



Fonte: elaborado pela autora

Quando olhamos para esses eventos históricos, mais especificamente, para essas guerras, podemos entender melhor como elas regem as ações das personagens e, então, contribuem para a formação do enredo. Afinal, quem passa e age pelas adversidades da narrativa são as personagens, que, no caso de Verissimo, optou por trabalhar com a ficção, colocando algumas figuras históricas importantes apenas como pano de fundo, a fim de trazer o realismo para a obra. Figuras como Sepé Tiaraju e Bento Gonçalves são mencionadas, mas não tomam o papel de protagonistas, trazendo mais o sentido de contextualizar o período e o evento histórico de cada capítulo.

 Cada evento histórico, cada guerra, traz uma consequência para alguém ou para um lugar, como foi dito anteriormente. Cada personagem que faz parte dessa história e vivencia esses conflitos muda o rumo. É assim com Pedro Missioneiro, que já nasce em um mundo de guerras, participa de uma, foge e se encontra com Ana Terra, pela qual se apaixona, vivendo um romance proibido, decorrente do qual ele acaba morto e Ana grávida sem um marido. Depois desse episódio, em novos confrontos com bandoleiros, é violentada e vê os homens de sua família serem mortos. Sozinha com o filho e a cunhada, vai para uma vila que está em construção, Santa Fé. Lá, a vida continua, a família aumenta, nasce Bibiana, sua neta. Anos mais tarde, um certo capitão Rodrigo surge na vila, voltando da Banda Oriental, voltando da Guerra Cisplatina. Ele conhece Bibiana, os dois se apaixonam e assim a história segue.

 Toda essa situação se transforma em uma grande teia de acontecimentos, que, podemos dizer, começa com Pedro, começa com uma guerra, a Guerra Guaranítica, e termina com seus descendentes, também envolvidos com uma guerra, a Revolução Federalista (1895), no episódio de *O sobrado.* A presença desses conflitos vai além de contextualizar a época de cada capítulo, ela impulsiona as decisões das personagens, o que influencia diretamente no enredo e na narrativa.

### Mas como essas diferentes guerras funcionam dentro de *O continente*? Primeiramente, nós temos os eventos da Guerra Guaranítica, que envolve Pedro e o leva a fugir das Missões antes da tomada do território pelos portugueses, nos acontecimentos de *A Fonte* (VERÍSSIMO, 1949).

### Em *Um certo capitão Rodrigo*, podemos ver como Rodrigo pensa e age. Ao se encontrar em uma vila pacata e de gente simples (Santa Fé), começa a gostar do lugar, ainda mais depois de conhecer Bibiana Terra. Após ter participado das Guerras Cisplatinas, têm pensamentos de firmar terra e família naquele lugar:

“Decidia que estava cansado de guerras e andanças e que já era tempo de sentar o juízo e cuidar no futuro. Pensou nos filhos...” [...] (VERÍSSIMO, 1949, p. 261)

 Porém, após conquistar Bibiana, casar-se com ela e ter filhos, Rodrigo entra em uma espécie de crise existencial, sentindo falta do mundo das guerras. Em uma conversa com P. Lara, o vigário de Santa Fé, o capitão expõe como seria seu mundo ideal, até chegam no assunto “envelhecer” e “morrer”:

“-Também acabava com a velhice.

- Acabava?

- Quero dizer, ninguém envelhecia mais...

- Nem morria?

- Morrer? Morria. Mas se morra era de desastre, nos duelos, nas guerras.

 O vigário mordeu o palito, fez avançar a cabeça na direção do outro:

- Vosmecê não ia também acabar com as guerras?

 Rodrigo por um instante pareceu confuso. Depois respondeu, lento:

- Bom... Acabar de todo, não acabava. Poque guerra é divertimento de homem. Sem uma guerrinha de vez em quando ficava tudo muito enjoado”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 308)

 Nessa conversa, vemos que Rodrigo, apesar de conseguir o que queria, dá a impressão de que nunca se acostumara com aquela vida de calmarias no campo. Em uma tarde, cuidando da venda que construíra em parceria com o cunhado, Juvenal, Rodrigo se irrita com um freguês, porque toma consciência do papel de vendedor que estava assumindo, que, para ele, era o fim de tudo.

“O outro fez meia volta e saiu da venda quase a correr. Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo.

Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito.

Quando o caboclo lhe pedira ‘uma réstia de cebola’, ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava. O capitão Rodrigo Cambará, que fora condecorado com a medalha da cruz dos militares e que possuía uma fé de ofício honrosa; o capitão Rodrigo, que brigara em várias guerras, estava agora reduzido a condição de bolicheiro: era da laia do Nicolau”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 323-324)

 Algum tempo mais tarde, quando a Revolução Farroupilha estoura na Província de São Pedro, Rodrigo não perde tempo e, assim que foi possível, partiu para o conflito.

 Em contrapartida à sede pela guerra do capitão, Juvenal Terra não consegue ter a mesma empolgação, dizendo que, apesar de não desgostar do cunhado, estava se sentindo aliviado pela sua partida.

“Juvenal fumava, sacudindo a cabeça vagarosamente. Parecia mentira – refletia ele - , mas de certo modo a ausência de Rodrigo lhe dava um alívio. Gostava do cunhado, não podia negar; gostava “por demais” até, mas acontecia que o comportamento do capitão fazia que ele vivesse sobressaltado. Rodrigo cometera muitas loucuras, tantas quantas um homem pode cometer. Botara dinheiro fora com jogo e mulheres, cuidara mal do negócio, fizera a Bibiana sofrer. Era estabanado, esquentado, e onde ele estivesse sempre havia perigo de barulho. Não tinha meio-termo: com ele era risada ou choro, beijo ou bofetada, festa ou velório. Ultimamente andava tão quieto, por causa daqueles boatos de revolução que já nem pensava em outra coisa. Aquilo tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde. E agora que acontecera, Juvenal sentia alívio. Podia ser absurdo, mas sentia”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 346)

 Bibiana, que se devota ao marido profundamente, diz que vai esperar por Rodrigo na casa deles e que entende esse jeito dele, de precisar da guerra para poder se sentir ele mesmo:

“[Vigário] E, depois de alguns segundos, acrescentou:

- O Rodrigo pode entrar em mil guerras e duelos, mas se Deus quiser que ele morra de velho, em cima duma cama, ele morrerá.

 Bibiana escutou, séria e pensativa, e depois disse:

- Padre, eu não quero que meu marido morra. Quero que ele volte. Mas acho que o destino dele é correr mundo. Por isso estou preparada pra tudo. Não tenho mais esperança de que ele fique sossegado no seu canto trabalhando. Decerto a vontade de Deus é que ele ande nessa vida” (VERÍSSIMO, 1949, p. 351)

Porém, durante a revolução, em uma tentativa de invadir o casarão dos Amarais em Santa Fé, Rodrigo leva um tiro no peito, morrendo na hora, deixando seus conhecidos e parceiros de guerra chocados:

“- Padre, tomamos o casarão. Mas mataram o capitão Rodrigo – Acrescentou, chorando como uma criança.

- Mataram?

 O vigário sentiu como que um soco em pleno peito e uma súbita vertigem. Ficou olhando para aquele homem que nunca vira e que agora ali estava, à luz da madrugada. A fita-lo como se esperasse dele, sacerdote, um milagre que fizesse ressuscitar Rodrigo.

- Tomamos o casarão de assalto. O capitão foi dos primeiros a pular a janela. – calou-se, como se lhe faltasse fôlego. – Uma bala no peito...” (VERÍSSIMO, 1949, p. 360-361)

 A sua busca constante pela guerra sempre foi nítida durante a narrativa, inclusive dizia que Cambará não morre de cama, mas sim na pelea (VERÍSSIMO, 1949).

 Bibiana fica viúva e com seus filhos. Após presenciar a guerra levar seu marido, passou a sentir ojeriza por qualquer guerra. Mas, como veríamos adiante, não seria a única vez que a família flertaria com a guerra.

Há também, entre os episódios do livro, três interlúdios que tratam da guerra, destacando-se o interlúdio após o fim do capítulo *Um certo capitão Rodrigo*, que foca na fala de Picucha Terra Fagundes, filha de Horácio Terra, irmão de Ana Terra, mostrando a outra vertente da família Terra, na qual ela conta do marido e dos filhos que perdeu para a guerra e que, mesmo com muita tristeza, entendia a necessidade dos homens de irem para a batalha:

“Onde está seu marido?

Enterrado em chão castelhano. Morreu na Cisplatina”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 365)

“Dei tudo que tinha para os farrapos. Meus sete filhos. Meus sete cavalos. Minhas sete vacas. Fiquei sozinha nessa casa com um gato e um pintassilgo. E Deus, naturalmente”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 366)

“E o tempo continuava a andar num tranco lento de boi lerdo. Entrava inverno, saía inverno. E a guerra nada de acabar.

Notícias foram chegando.

Batalha do Taquari. Nessa perdi dois filhos.

Cerro dos Porongos. General Canabarro foi pegado de surpresa: mais três filhos meus que se foram.

O sétimo morreu no Poncho verde.

Depois veio a paz, com honras pros dois lados.

Mas a flor do Continente se perdeu

Os campos ficaram desertos,

As mulheres de luto,

Casas vivaram tapera,

Cidades empobreceram,

Cemitérios cresceram,

Os urubus engordaram,

E muita gente até hoje passa necessidade por causa dessa guerra, e os que antes não tinham nada depois dela ficaram com menos”. (VERÍSSIMO, 1949, p. 370)

No episódio seguinte, *A Teiniaguá*, temos mais um cenário de conflito: a Guerra contra Rosas e Oribes e conflitos com os países do Prata. Bolívar Terra-Cambará, filho de Rodrigo e Bibiana e seu primo, Florêncio Terra, lutaram na Guerra do Rosas e voltaram são e salvos para Santa Fé.

“- O sonho veio outra vez?

- Veio.

 Desde que voltara da guerra, Bolívar sonhava, periodicamente com o homem que matara numa carga de lança. Claro, tinha matado muitos outros, em diversos entreveros: mas havia um que ele não podia esquecer... vira-lhe bem o rosto no momento em que sua lança lhe penetrara o tórax, num estalar de costelas – uma cara contorcida pela dor e pelo medo, com o sangue a escorrer pelos cantos da boca...” (VERÍSSIMO, 1949, p. 26, vl. 2)

O episódio foca em Bolívar moço, já tendo vivido uma guerra e sobrevivido, e agora precisava seguir com a vida. Começa a ser organizado um casamento entre ele e Luzia Silva, filha adotada de Aguinaldo Silva, um dos homens mais ricos de Santa Fé e que, naquela época, se tornou dono das terras da família Terra-Cambará, que as perdeu depois de ter somado algumas dívidas. Lá constrói um sobrado, quase como para rivalizar com o casarão dos Amarais (sobrado este que mais tarde seria palco dos últimos dias da Revolução Federalista). Bibiana, que ambicionava recuperar o território da família, incentiva o casamento entre o filho e a moça. Luzia é descrita como uma pessoa má e sádica, sendo comparada à figura da Teiniaguá, que na mitologia seria uma princesa que se tornava bruxa e encantava os homens para devorá-los.

 O casamento, enfim, acontece, mas não caminha para um lado bom. O Dr. Winter, imigrante alemão que chega à Santa Fé e se aproxima da família, sugere que o casal tome novos ares em Porto Alegre. Eles aceitam o conselho e viajam até a capital, que está passando por um epidemia de varíola. Bolívar, vendo a situação, diz que eles devem voltar, mas o sentimento sádico de Luzia de querer ficar e ver o sofrimento das pessoas os mantém lá por um tempo. Quando retornam, a briga entre os Amarais e Terra-Cambarás esquenta e Bolívar acaba sendo morto.

“Por alguns segundos ficaram os dois a ouvir o tiroteio. Num dado momento os tiros cessaram e fez-se pressago. Bibiana deixou cair a cabeça para trás. Trêmulo, engasgado, sentindo que o coração queria saltar-lhe pela garganta, Winter aproximou-se da janela e olhou.

 Bolívar estava caído de borco no meio da rua, com a cara metida numa poça de sangue próprio” (VERÍSSIMO, 1949, p.161, vl 2)

 No episódio seguinte, *A guerra*, começa mencionando a Guerra do Paraguai, das marcas que o conflito deixou nos cidadãos de Santa Fé, com os homens indo para guerra e na grande maioria das vezes, não voltava.

“Naquele dezembro – o sexto dezembro da guerra – já não havia em Santa Fé família que não chorasse um morto. Desde o início da campanha a vila fornecera ao exército nacional seis corpos de voluntários. Os que não morriam ou desertavam, voltavam feridos ou mutilados, e em seus rostos os outros podiam ler todo o horror da guerra. As mulheres já não tiravam mais o luto do corpo; viviam a rezar, a fazer promessas e a acender em seus oratórios” (VERÍSSIMO, 1949, p. 182, vl 2)

 Mas, o sentido de o capítulo se chamar *A guerra*, tem um outro significado além de ilustrar mais um conflito que se fazia presente em território rio-grandense, uma guerra interna na família entre Bibiana e Luzia, que disputam o amor e afeição de Licurgo, filho de Bolívar e Luzia.

 Por fim, vale ressaltar mais alguns detalhes da situação que se segue em *O sobrado*, especificamente envolvendo Licurgo, que pesa os prós e os contras a todo o momento sobre aquela guerra (Revolução Federalista), mas que ao mesmo tempo, sente a necessidade de mostrar a sua liderança, não apenas para os inimigos que esperam por sua rendição, mas também para sua família e aliados que estão junto com ele no sobrado.

“Licurgo respira fundo, com um feroz sentimento de orgulho. De certo modo, ele ainda governa Santa Fé! Maragato algum jamais botará o pé no sobrado nem como inimigo nem como amigo: nem agora nem nunca!” (VERÍSSIMO, 1949, p. 31)

 Analisando cada guerra separadamente e como ela corresponde a cada capítulo do livro, fica claro o papel da guerra nessas narrativas; a guerra quase se torna uma personagem também, por estar tão presente nos momentos que vão se seguindo na vida dos indivíduos que compõe a história e por isso, deve-se mostrar sua importância e relevância na construção dessa obra.

### **2.2.2 Guerras em *Um farol no pampa***

 Na trilogia de *A casa das sete mulheres*, Wierzchowski nos apresenta os eventos históricos mais detalhadamente em *A casa das sete mulheres* e *Um farol no pampa* que é estudado neste trabalho. O primeiro livro refere de forma indireta a Guerra Cisplatina e centra-se nos episódios da Revolução Farroupilha, tendo como personagens centrais as mulheres da família de Bento Gonçalves, reunidas na Estância da Barra, no município de Camaquã. O terceiro livro na cronologia de publicação, *A travessia*, foca no romance entre Anita e Garibaldi, tendo também a Guerra dos Farrapos como palco dos acontecimentos.

 Em *Um farol no pampa*, a Guerra do Paraguai toma conta do cenário principal do livro. O início da história se dá em 1847, dois anos após a assinatura do Tratado de Paz de Poncho Verde, que dava fim ao conflito da Guerra dos Farrapos e deixava o Rio Grande do Sul em uma situação delicada:

A guerra era um assunto proibido. As condições do acordo de paz feriram o brio de alguns dos comandantes rio-grandenses que, por falta de opção, foram obrigados a ceder às exigências do Império [...]. (WIERZCHOWSKI, 2004, p.21).

A seguir, há outro quadro que ilustra a forma como a trilogia é trabalhada:

Quadro 2 – Episódios de *A casa das sete mulheres* e as respectivas guerras

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Trilogia | Data | Capítulos | Guerra | Personagens históricos | Personagens reais | Personagens fictícios |
| **A casa das sete mulheres** | 2002 | São separados pelos anos que correspondem à Revolução Farroupilha (1835 – 1845) e Cadernos de Manuela, que narra os eventos do ponto de vista de Manuela. | No primeiro capítulo – Cadernos de Manuela, há a menção à Guerra Cisplatina, da qual seu tio, Bento Gonçalves, participou e começa a se mencionar a Guerra dos Farrapos. | Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, General Netto, Onofre Pires e demais generais que fizeram parte da Guerra dos Farrapos | Caetana Garcia, Perpétua, Joaquim, Bento, Caetano, Leão, Marco Antônio, Maria Angélica, Ana Joaquina, D. Antônia, D. Ana, D. Maria, Manuela, Mariana, Rosário | Empregados das EstânciasJoão Gutierrez |
| **Um farol no pampa** | 2004 | Em ordem: A herançaA famíliaOlhos de vidroCadernos de ManuelaAuroras e poentes e crepúsculos  | Guerra do Paraguai é introduzida em Auroras e poentes e crepúsculosGuerra dos Farrapos – consequência da guerra, introduzido em A  | Bento Gonçalves, Solano Lopez  | Caetana Garcia, Perpétua, Joaquim, Bento, Caetano, Leão, Marco Antônio, Maria Angélica, Ana Joaquina, D. Antônia, D. Ana, Manuela | Empregados das EstânciasJoão GutierrezMatias GutierrezAntônio GutierrezTiciana Gutierrez (esposa de Matias) |
| **A travessia** | 2017 | São divididos pelos anos que Garibaldi e Anita viveram na Itália (entre 1844 e 1850, ano em que Anita morre), do encontro deles em Laguna durante a Guerra dos Farrapos e narrações em primeira pessoa por Anita | Guerra dos Farrapos (1835 – 1845) | Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi |  | Não há nenhuma personagem fictícia que interfira no desenvolvimento da história |

Fonte: elaborado pela autora

Em um dos capítulos do livro há uma narrativa que trata da saúde de Bento Gonçalves, o pós-guerra e a situação de sua família. Ele está doente e não lembra em nada o general que foi um dia, que chegou a ser presidente daquela nova república que fracassou. Sem saber lidar muito bem com esse “novo” Bento, a família precisa se adaptar a essa realidade.

Apesar do livro narrar o destino da família e as consequências da Guerra dos Farrapos, o foco principal é outro: a história de Matias Gutierrez, filho de João Gutierrez e Mariana, que foi deserdada por sua mãe, D. Maria, por estar grávida de João, que tinha ascendência indígena e por não estar casada, o que fez com que D. Antônia, irmã de Bento Gonçalves, a “adotasse” como filha.

Com isso, após o nascimento de Matias, D. Antônia assume o papel de avó, dedicando sua vida a cuidar do menino. Durante toda a sua infância, ela contou histórias épicas sobre a recente guerra que havia passado pelo Rio Grande do Sul, da figura heroica de Giuseppe Garibaldi e seus feitos durante os conflitos que se seguiram naqueles dez anos de guerra, da qual o pai de Matias também havia participado.

Anos mais tarde, nos deparamos com um Matias já moço, e com outra guerra prestes a despontar. Em meio à tensão que se formava diante do conflito iminente, ele se encontra apaixonado por Inácia, filha de Perpétua, filha de Bento Gonçalves. Ela corresponde a seus sentimentos, mas teme pela guerra se aproxima. Matias, por sua vez, diz que irá voltar para ela quando a guerra terminar.

Assim como em O continente, cada evento histórico, cada guerra que está presente da narrativa, influência na ação das personagens, como é mostrado abaixo:

Anexo 2 – Infográfico das personagens de *Um farol no pampa* e sua atuação na narrativa



Fonte: elaborado pela autora

Na narrativa fica nítida a empolgação de Matias perante a guerra, uma vez que ele passou a infância ouvindo histórias épicas de Garibaldi, agora era a vez de ele trazer honra e se mostrar digno de ser um bom pretendente para Inácia. Mas, como seria mostrado nos capítulos seguintes, o cenário era completamente outro:

– Vem guerra grande por aí... Tenho tido uns sonhos, e meus sonhos sempre foram tiro e queda. Vai ser guerra dura, das mais tristes de que já se ouviu falar. Eu sei por causa dos meus sonhos, Matias. Vai ser guerra horrível.

– Se a guerra vier, eu irei, vó.

– Vosmecê sempre quis ser um herói, meu filho... [...]”. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 191).

Em um encontro com Inácia, pouco antes de ir para a guerra, deixa novamente clara sua posição, de honrar o chamado para a batalha:

– Não vou lhe mentir. Eu vou seguir com a gente do Netto. Acho que é minha obrigação. Até meu pai, com aquele braço aleijado que não serve para nada, vai seguir para Piraí e se unir ao exército.

Inácia desviou o rosto.

– Eu pensei que vosmecê me amasse.

– E amo. Mais do que tudo. Mas uma cousa não tem relação com a outra. Eu vou para guerra, mas eu volto. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 223).

Matias presencia os horrores da guerra. A matança e a violência nas batalhas, os momentos no acampamento – onde era tão possível morrer quanto em conflito, pela escassez de comida, água potável e tratamento médico adequado – trouxeram a ele outra realidade. Em vários momentos questiona a razão daquela guerra, pelo que estavam lutando? Valia a pena arriscarem suas vidas por aquilo? As perguntas rondam sua mente, quase o enlouquecendo. As únicas coisas o que mantêm lúcido são Inácia e sua promessa para D. Antônia de não morrer.

Mais de nove mil homens formavam o acampamento. Era uma tropa heterogênea, fatigada pelas longas marchas em péssimas condições de higiene e de alimentação. Uma interminável série de barracas armadas em longas filas formava caminhos sinuosos, por onde alguns cuscos famintos circulavam em busca de restos de carne. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 241).

Em muitos momentos, era difícil pensar em um futuro bom, no qual voltava para a estância, voltava para Inácia e os horrores da guerra não se limitavam apenas às sangrentas batalhas:

Matias sai da barraca e o ar da tarde bafeja em cheio no seu rosto, abraçando-o- com suas asas sufocantes. Sente uma espécie de aperto nas tripas, um misto de fome e de repugnância que o perseguir pelos dias e pelas noites. Come o mínimo possível, apenas para sobreviver. Comer é um sacrifício no acampamento das tropas aliadas; as moscas estão por todos os lugares, cobrindo a carne que sai do fogo antes que ela chegue na boca dos soldados exaustos, as moscas bóiam na água de beber, formando uma nata negra e fétida nas cuias e nas bilhas”. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 271-272).

Pensando sem sua vida antes da guerra, Matias lamenta, e se arrepende de pensar que era seu dever participar de uma atrocidade daquele tamanho:

Matias lutara suas pelejas. Tinha matado dois homens. Dois blancos. Ainda podia lembrar-se nitidamente do olhar que cada um deles lhe lançara quando, de cima do seu cavalo, acertara-os, um com a lança, o outro com um tiro no ventre, por onde se tinha esvaído um manancial de sangue que jorrava para o chão. Sonhava muitas vezes com aquela cena [...]. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 242)

 A Guerra do Paraguai, conflito no qual Matias está inserido, e que rege grande parte do enredo do livro, pode ser visto como o pivô que a personagem Matias precisava por dois motivos: a sua vontade de ser como Garibaldi, um herói para todos, mostrando seu valor, e o choque de realidade, que mudaria sua visão completamente do mundo em que vivia e que definiria seu futuro. Quando Matias nos é apresentado, nós conhecemos um menino alegre, que, apesar da infância difícil, era feliz e inocente.

Tem lembrado muito da avó nestas marchas pelas terras alagadas rumo ao inimigo. Tem se lembrado das verdades que ela lhe ensinou naqueles tempos de estância, quando o mundo era apenas o lugar proibido pelo medo de sua mãe, quando a guerra era a brincadeira nas horas frescas da varanda, enquanto a avó contava alguns causos e os soldadinhos de chumbo aniquilavam-se com galhardia, silenciosamente, caindo no piso de madeira de varanda sem que Matias sentisse por eles um pingo de dó. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 273).

As lembranças das “guerras” da infância, com soldadinhos de chumbo, dissipam-se. Após a guerra, ele se torna outra pessoa, quase sem brilho, sem muitas expectativas do que fazer depois de ter presenciado o que era uma guerra, de fato. Inácia não lhe esperou, pensando que havia morrido e casou-se com outro. D. Antônia faleceu, seu pai morreu em batalha e sua mãe também o deixou ainda muito criança. Sem ter para onde ir, resolve deixar o Rio Grande do Sul, indo para o Rio de Janeiro recomeçar a vida. Lá ele casa e tem um filho, Antônio, outra figura importante e que tem sua narrativa também presente na obra.

“Às vezes Matias chora. A solidão neste acampamento, a morte que todo dia leva a sua cota, tudo isso é uma doença que envenena o seu espírito. Já não acredita em Deus. Acredita, isto sim, num futuro longe de toda esta atrocidade, quando poderá retornar à estância e aos braços de Inácia. Mata por isso, para volver”. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 275)

 Matias, depois de passar muito tempo longe de casa e de já ter vivenciado muitas coisas que o assombrariam para sempre, ele vê seu quase fim durante a Batalha de Curupaiti (1866), na qual a Tríplice Aliança (Barsil, Argentina e Uruguai) sofreu um ataque brutal e teve muitas perdas de seus exércitos (por volta de 49.000 mortos no final da batalha, somando perdas de ambos os lados). É nessa batalha que Matias é dispensado da guerra:

“Não consegue respirar. Mergulha neste lodo e vê que o lodo é sangue, que está mergulhado no sangue até a boca, e que o sangue tem um gosto amargo, ferroso. O sangue misturado com a terra paraguaia.

Sente sede. E geme.

Água, água.

Um milhão de anos depois surge alguém com um cantil e derrama água na sua boca. A água também tem gosto de sangue. Tudo ali tem gosto de sangue. E aquela dor. A dor maior do que tudo. [...] Passam-se mais um milhão de anos, e aquela dor, aquela dor terrível que não o deixa morrer, que o alfineta a vida, e ele pede:

Vó Antônia, me deixa morrer, deixa, me deixa morrer. Vó Antônia...

Eu fiz tudo, não deu certo, agora me deixa morrer.

Mas vó Antônia não deixa.

Se Deus não existe, só pode ser ela que o prende ali, com aquela dor”. (WIERZCHOWSKI, 2004, p. 359)

Como foi dito no tópico anterior, as guerras influenciam as personagens. A Guerra do Paraguai transforma Matias de uma forma irremediável. A Guerra dos Farrapos encerra a vida de Bento Gonçalves, que deixa sua família desamparada, e sem saber muito bem como seguir em frente sem a presença marcante do chefe da família.

 As guerras surgem como catalizadores de uma reação em cadeia: os resultados envolvem as personagens. Diferente de *O tempo e o vento*, que surge com personagens fictícias e algumas figuras históricas pontuais, *A casa das sete mulheres* se debruça em sua maioria em personagens reais, como a família de Bento Gonçalves. Matias, até onde se sabe, entra como personagem fictícia, assim como Inácia. Apesar dessas figuras históricas tomarem um papel de protagonismo, elas possuem a propriedade psicológica delas a partir da perspectiva de Wierzchowski, ou seja, o enredo é influenciado pelas personagens, que sua vez, sofrem a realidade de guerra. Nesse caso, falamos das personagens históricas e das personagens reais, que tem significados diferentes: a primeira remete as personalidades históricas que tiveram papéis de relevância em eventos históricos; a segunda remete a personagens que existiram na realidade, mas que não possuem tanta relevância nesses eventos históricos. Por isso, não há como saber verdadeiramente como essas figuras agiriam na vida real então, temos a coisa imaginada através da escrita de Wierzchowski.

# 3. O TEMPO E A ESTRUTURA NARRATIVA EM *O CONTINENTE* E *UM FAROL NO PAMPA*

Uma narrativa pode se apresentar, no que diz respeito ao tempo, de várias maneiras, linearmente, com *flashbacks*, com pontos de vistas diferentes. Basicamente, o tempo, que é uma categoria que estrutura a narrativa, pode apresentar dois níveis mais imediatos: o nível da história, apontando para os fatos que ocorrem exteriormente, e o nível do enredo, para a ação interna da obra (NUNES, 1988). O tempo cronológico aponta para o aspecto físico do tempo, para o relógio, para o calendário. No que diz respeito ao tempo narrativo, além de outras tantas questões como duração, elipses, é importante pensar no que comumente se denomina analepses e prolepses, isto é, as anacronias que cortam a linearidade do tempo, voltando a eventos passados ou projetando eventos futuros.

Tradicionalmente, desde as antigas epopeias e mesmo nos romances mais tradicionais do século XIX, há um início *in medias res*, na metade dos acontecimentos, permitindo que se retome os eventos anteriores, e “o retrospecto é feito numa *exposição separada* interrompendo a ação principal que volta ao seu curso quando aquele termina” (NUNES, 1988, p. 32, grifo do autor). Na narrativa moderna, no entanto, o mais comum não é uma *exposição separada,* mas “o recurso mais comum é intercalar seqüências retrospectivas e prospectivas às seqüências correspondentes ao momento narrado, sem quebra de continuidade do discurso.” (NUNES, 1988, p. 32).

Nas duas obras, em questão do tratamento dado ao tempo, mistura-se tradição e inovação, porque ainda que tenham um ir e vir constante, as analepses, ou flashbacks, estão circunscritos a um capítulo ou episódio específico. Daí, pensar por que a escolha de um episódio específico – “O sobrado”, em *O continente,* e “A herança”, em *Um farol no pampa –* para, de forma fragmentada, servir como moldura aos outros eventos narrados.

Nas obras aqui trabalhadas, os eventos do enredo são contados em *in medias res*, quando a história começa no meio. Em *O continente*, o capítulo *O sobrado* inicia a narrativa do livro, porém, o conteúdo desse capítulo é referente a eventos futuros do enredo, se passa em meados de 1895, o auge da Revolução Federalista, retratando os dias da família Terra-Cambará dentro do sobrado, quase no final da guerra. Mas logo em seguida, no próximo capítulo, temos *A fonte*, que volta anos atrás, em 1745, retratando as Missões, ainda antes da Guerra Guaranítica. Nesse capítulo, conhecemos a personagem de Pedro Missioneiro, que, com seu punhal, dará início à família dos Terra-Cambará. No fim do episódio, voltamos à narrativa de *O sobrado*. Em *Um farol no pampa* a premissa é a mesma. O primeiro capítulo do livro chama-se *A herança,* e narra a viagem de Antônio, filho de Matias Gutierrez, do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, em 1902. No próximo capítulo, nós voltamos no tempo, para 1847, o pós-guerra dos Farrapos, com a família de Bento Gonçalves.

 As duas obras fazem um vai e vem no tempo, colocando o passado e o futuro numa mesma narrativa, o que faz com que tenhamos uma visão mais ampla dos acontecimentos do livro. Se formos imaginar *O sobrado* como a narrativa pontual em *O continente*, e *A herança* em *Um farol no pampa*, podemos enxergar esses capítulos como as molduras do enredo, com os demais episódios trabalhando paralelamente, como vertentes que levam a um mesmo lugar: todos os eventos que ocorrem nos demais capítulos (episódios e alguns interlúdios) vão se encontrar com os eventos dessas molduras.

 Abaixo há duas tabelas que ajudam a ilustrar como as histórias estão construídas. Em *O Continente,* além de episódios ou capítulos propriamente ditos, há outros excertos, marcados em itálicos, que podem ser chamados de interlúdios, ou... A estrutura de *O Continente* se mostra de forma regular, intercalando esses elementos – O Sobrado, o episódio e o interlúdio – como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 5 – Estrutura narrativa em *O continente*

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **O Sobrado** | **Episódio** | **Interlúdio** |
| O Sobrado - I  | A Fonte  | **Interlúdio 1**Apresenta a origem dos Cambará (Chico Rodrigues troca de nome para Chico Cambará) |
| O Sobrado - II  | Ana Terra  | **Interlúdio 2** (1810-1821) Trata da origem de João Caré (pobres-diabo), família vinculada aos Terra Cambará. |
| O Sobrado - III | Um certo Capitão Rodrigo  | **Interlúdio 3** Ambientado na Revolução Farroupilha, apresenta Picucha Terra Fagundes, sobrinha de Ana, que perdeu marido e filhos na revolução |
| O Sobrado - IV | A Teiniaguá  | **Interlúdio 4** Ambientado na Guerra do Paraguai, Chiru Caré sente-se valorizado por ir à guerra.(1864-1865) |
| O Sobrado - V  | A Guerra  | **Interlúdio 5**Conta a história de Fandango, espécie de Blau Nunes, contador de histórias |
| O Sobrado - VI | Ismália Caré  | **Interlúdio 6** Ambientado na Revolução Federalista (1893), apresentaManeco Lírio. |
| O Sobrado - VII |  |  |

Fonte: elaborado pela autora

De forma semelhante, em *Um farol no pampa*, *A herança* sendo a narrativa principal e os episódios que vão se intercalando. O que é chamado de interlúdio, trata-se de uma narrativa com construção semelhante aos interlúdios de *O continente*: *Olhos de vidro* é narrado com uma letra de fonte diferente e parece trazer um parênteses na narrativa, colocando em evidência a infância de Matias; em *Cadernos de Manuela*, a fonte da letra não muda, mas como Manuela se encontra em um estado em que não consegue mais lidar com as situações do mundo exterior, também pode-se se caracterizar como um interlúdio, por trazer essa visão de Manuela, como se pode ver no Quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Estrutura narrativa de *Um farol no pampa*

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **A herança**[[2]](#footnote-2) | **Episódios** | **Interlúdio** |
| A herança (9 partes) | A família (13 partes) | **Interlúdio 1 – Olhos de vidro****Pensamentos e visões de Matias sobre sua infância.** |
|  | Auroras e poentes e crepúsculos (12 partes) | **Interlúdio 2 – Cadernos de Manuela****Pensamentos de Manuela sobre sua vida passada e atual.**  |

Fonte: elaborado pela autora

 A partir dessas perspectivas podemos visualizar melhor a forma como a narrativa se apresenta.

 Analisando *O sobrado* separadamente dos demais episódios, nós temos uma narrativa completa, com início, meio e fim e é possível entender o enredo. Mas, esse entendimento se tornaria superficial. Como aquelas personagens foram parar naquele lugar? Que guerra está acontecendo? Qual a influência dela nas ações das personagens?

 As respostas para estas perguntas estão justamente nos episódios que se intercalam com *O sobrado*, desde o evento mais distante até o mais recente e que os levaram àquela situação. E por ser uma história longa, com muitas personagens e eventos históricos importantes, seria muito difícil seguir uma narrativa linear, pois perderia a essência da obra, e por se tratar de um romance histórico, vem a necessidade de trabalhar a narrativa dessa forma.

 Os seguimentos de *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago* não seguem essa forma de narrativa, mesmo que no terceiro livro, *O arquipélago*, há *Reunião de família* e *Caderno de pauta simples*, intercalando cada capítulo, como um complemento da narrativa.

 O enredo das duas últimas obras da trilogia vai se afastando do ambiente “tradicional” do Rio Grande do Sul, ele sai das paisagens rurais, da vida simples e vai para os grandes centros das cidades (ainda que em *O retrato* há o retorno para Santa Fé, os tempos são outros e a vila, que toma o status de cidade, estava se modernizando) com novas personagens, mas nunca deixando de ter relação com a vida e os acontecimentos de *O continente*.

 Fazendo a mesma análise em *A herança*, podemos ter a mesma impressão com Antônio, filho de Matias. Há a introdução da história, o desenvolvimento e uma finalização. Porém, são muitas pontas soltas e mais perguntas sem respostas, que são respondidas voltando um pouco no tempo, para um mundo bem distante da realidade de Antônio, de uma parte de sua família, a de seu pai, que ele desconhecia. E esse encontro com o passado é que traz a necessidade de se entender como a figura de Antônio foi parar naquela história.

 O primeiro episódio de *A família* ajuda a explicar essa situação. A narrativa desse capítulo tem continuação direta com o final do primeiro livro da trilogia, *A casa das sete mulheres*, que foca na campanha da Guerra dos Farrapos e na vida das mulheres da família de Bento Gonçalves fora dos campos de batalha, sempre na sina de viver esperando pelos homens voltarem da guerra. Enfrentando os dilemas de ser mulher, especialmente naquela época, e a força que precisavam ter diante da realidade que as cercavam, são pontos que continuam sendo importantes nos outros dois livros da saga: *Um farol no pampa* e *A travessia*.

 No episódio *Auroras e poentes e crepúsculos*, que se passa alguns anos depois dos acontecimentos de *A família*, o foco principal é Matias e sua participação na Guerra do Paraguai, o antes e o depois do conflito. Também há um espaço para a narrativa de Inácia, para que consigamos ver os dois lados do romance que se desenvolve entre eles. Esse é o episódio mais próximo, pela linha do tempo, dos acontecimentos de *A herança*.

 Compreendendo-se como tudo começou, se torna mais claro alguns dos motivos que levaram Antônio a seguir para a terra natal de seu pai. A pedido de Matias, antes de morrer, o filho decide buscar suas raízes e ir até a Estância do Brejo, antiga casa de D. Antônia, que a deixou de herança para Matias. Lá, ele tenta se inteirar com a lida do campo, decidindo se vai permanecer naquele lugar cheio de lembranças ou se volta para a sua terra fluminense já familiar.

 E, entre estes episódios e molduras, temos os chamados *interlúdios*, narrativas que em *O tempo e o vento,* aparecem no final de cada episódio, em itálico; em *Um farol no pampa*, são capítulos intercalados com os demais episódios. Eles funcionam como uma forma de dar voz às personagens, ou a situações, que não tem tanto espaço na narrativa principal. Por exemplo, em *O tempo e o vento*, quase todos os episódios são focados na família Caré, que tem relação com a família Terra-Cambará, por conta do caso de Licurgo com Ismália Caré.

 Em *Um farol no pampa*, um dos interlúdios se chama *Olhos de vidro*, que foca na infância de Matias, e na forma inocente com a qual ele enxergava a vida na estância.

 A partir dessa forma que a narrativa se apresenta, fica o questionamento: por que *O continente* e *Um farol no pampa* possuem essa estrutura de vai e vem? Que motivos levaram aos autores a contar a história dessa maneira?

 Podemos começar analisando as molduras dessas narrativas, como foi falado anteriormente. *O sobrado* e *A herança*, são como uma bolha, na qual as personagens estão inseridas e tudo o que está de fora dessa bolha fica enevoado, e, para aquele momento, fica apenas como lembranças de um tempo distante, tão distante que até mesmo alguns indivíduos dessa bolha desconhecem. Como Licurgo, que toma o sobrado como a sua forma de resistência e deixa de lado os motivos que os levaram para dentro daquela bolha; e como Antônio Gutierrez, que nunca teve contato com ninguém da família de seu pai, nem com sua terra, e de repente se vê cumprindo uma promessa e vai para o Rio Grande do Sul, incerto sobre seu rumo.

 O que “fura” essa bolha são os episódios que são contados paralelamente com essas molduras, que fazem parte do passado, portanto, não podem ser mudados. Esquecidas talvez, mas sempre estariam ali, revividas pelas pessoas e pelo tempo.

 Além disso, é importante lembrar que as guerras têm um papel fundamental no desenvolvimento da história, especialmente as que tem maior relevância ao longo da narrativa dos dois livros: A Revolução Federalista, em *O continente* e a Guerra do Paraguai, em *Um farol no pampa*.

 Por serem considerados alguns dos conflitos mais violentos que passaram pelo território gaúcho, ficaria complicado descrever os cenários da guerra, suas relações com o enredo e as personagens, e as consequências que elas trariam em um capítulo apenas. Por terem tanta importância, foi preciso dividi-las em mais capítulos, relacionando-os com as vertentes (os episódios) que os levariam para esse momento.

 O vai e vem da narrativa torna-se um ponto importante para o entendimento geral das obras. Se focássemos apenas nos capítulos principais, ou até mesmo apenas nos episódios e nos interlúdios, sempre nos sobraria alguma ponta solta, o que é diferente de termos um final em aberto, por exemplo, porque então estaríamos falando de interpretações. Mas no caso das obras aqui analisadas a leitura incompleta deixaria apenas buracos no enredo. Por isso, importância de se fazer esse deslocamento entre passado e futuro.

# 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi possível perceber como as definições de romance histórico estão ligadas com o modo como foi construída a narrativa de *O continente* e *Um farol no pampa*, trazendo a lembrança, também, das outras obras que compõe a trilogia de cada obra, enfatizando a ideia de que os acontecimentos históricos retratados nos livros e que são vivenciados pelas personagens são o que caracterizam a ideia de romance histórico, ressaltando que as personagens de maior importância são as de aspecto fictício, fazendo com as figuras históricas inseridas na narrativa se tornam pano de fundo.

Também é destacado a introdução do romance histórico no território brasileiro, começando por José de Alencar e vai se espalhando por outros autores, inclusive gaúchos como Luiz Antonio de Assis Brasil e Simões Lopes Neto.

A presença das guerras na narrativa também se tornou um fato importante a ser elucidado e contextualizado, a fim de mostrar como esses conflitos são catalizadores nas ações das personagens, que influenciam diretamente no desenvolvimento do enredo das obras.

Também é interessante ressaltar que, no momento da leitura dessas obras, a importância de se entender os conflitos que foram colocados em pauta na narrativa, os acontecimentos do passado que levaram às ações no presente e da influência das personagens, na questão de tomada de decisões são condições para uma compreensão mais profunda dos enredos aqui estudados.

O tempo também é um fato primordial nesse estudo, que está atrelado a forma como a narrativa de estrutura, já que foi constatado que o tempo se comporta de maneira não linear nas duas obras, não se tratando especificamente do tempo que pode ser medido, mas do tempo da narrativas que toma outros rumos e pode se apresentar com essas nuances entre passado, presente e futuro.

Além disso, sua estrutura narrativa, podemos dizer, rege essa compreensão total, por mais que em alguns momentos pode-se ter uma interpretação diferente ao longo da leitura das obras, é certo que a premissa do enredo só será totalmente entendida quando todos os capítulos forem lidos, não somente os que podem se considerar a moldura, mas seus episódios e interlúdios também são de igual importância.

# REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio, LEENHARDT, Jacques, CHIAPPINI, Ligia, PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Erico Verissimo: o romance da história.* São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

ARISTÓTELES. Arte poética. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica.* São Paulo: Cultrix, 1981

BAUMGARTEN Carlos Alexandre, O novo romance histórico brasileiro. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 4, p. 168-177, out. 2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49611 Acesso em: 04 jun. 2021.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade.* 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: um escritor e seu tempo*. Universidade: UFRGS, 2001.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PESSANHA, José Américo Motta. História e ficção: o sono e a vigília. In: PRADO JÚNIOR, PESSANHA, Bento, AMÉRICO, José (Orgs.) *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa***.** São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos, 31)

RIEDEL, Dirce Cortês. *Narrativa: ficção e história.* Rio de Janeiro: Imago, 1988.

VERISSIMO, Erico. *O continente*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*: Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *Um farol no pampa.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

1. OS eventos e datas históricas, de conhecimento bem genérico, foram retirados de diversos sites de pesquisa, como <https://brasilescola.uol.com.br/>. Quando houver uma necessidade mais específica de aprofundar tal evento, as devidas citações serão mencionadas no corpo do texto. [↑](#footnote-ref-1)
2. Os eventos de *“A herança”* iniciam a narrativa, mas só voltam a aparecer depois de serem apresentados os capítulos *“A família”* e *“Auroras e poentes e crepúsculos”*, seguindo os interlúdios *“Olhos de vidro”* e *“Cadernos de Manuela”,* já que *“A herança”* se passa no futuro da narrativa, era preciso apresentar alguns acontecimentos do passado para o seguimento da história. [↑](#footnote-ref-2)